

***A terceira margem do rio e o realismo fantástico da revista  
Planète***

**La troisième rive du fleuve et le réalisme fantastique du magazine  
Planète**

Márcia Valéria Martinez de Aguiar\*<sup>1</sup>

\*Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo - SP, 04021-001, e-mail:  
mv.aguiar@uol.com.br

**Resumo:** Ao ler a correspondência de João Guimarães Rosa com seu tradutor francês, Jean-Jacques Villard, surpreendi-me ao descobrir que um de seus contos mais conhecidos, *A terceira margem do rio*, havia sido publicado na revista *Planète*, editada pelos pais do realismo fantástico Louis Pauwels e Jacques Bergier. A revista, criada na esteira da comoção provocada por *O despertar dos mágicos*, colocava-se, antes de tudo, contra o positivismo científico dominante na época e levava em conta os fenômenos paranormais, a alquimia, as capacidades inexploradas do cérebro humano. “*Rien de ce qui est étrange ne nous est étranger*” era o lema da revista. Neste artigo, pretendemos, por um lado, contar a estória da publicação e da tradução desse conto e, por outro, pensar esse fenômeno como integrado ao modo como as obras de Guimarães Rosa foram recebidas na França dos anos 1960.

**Palavras-chave:** realismo fantástico, *Planète*, Guimarães Rosa.

**Résumé:** Lorsque je lisais la correspondance échangée entre João Guimarães Rosa et son traducteur français Jean-Jacques Villard, j’ai fait une découverte qui m’a beaucoup surpris. L’un de ses contes les plus connus, *La troisième rive du fleuve*, avait paru dans la revue *Planète*, éditée par les pères du réalisme fantastique, Louis Pauwels et Jacques Bergier. La revue, créée à la suite du bouleversement produit par *Le matin des magiciens*, se dressait, avant tout, contre le positivisme scientifique de l’époque et prenait en considération les phénomènes paranormaux, l’alchimie, les capacités inexploitées du cerveau humain. “*Rien de ce qui est étrange ne nous est étranger* » était la devise de la revue.

Dans cet article, nous entendons raconter, d’une part, l’histoire de la publication et de la traduction de ce conte et, d’autre part, penser ce phénomène en tant qu’intégré à la manière dont les œuvres de Guimarães Rosa ont été accueillies dans la France des années 1960.

**Mots-clés:** réalisme fantastique, *Planète*, Guimarães Rosa.

## INTRODUÇÃO

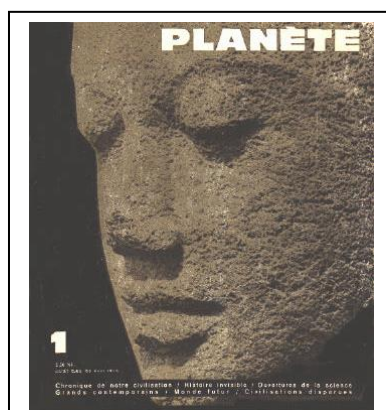
Quando, na leitura das cartas trocadas entre João Guimarães Rosa e seu tradutor francês, Jean-Jacques Villard, descobri que *A terceira margem do rio*, conto

<sup>1</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp.

que compõe *Primeiras estórias*, fora publicado na revista *Planète*, fiquei bastante surpresa. Tinha na memória a revista *Planeta*, do Brasil, e lembrava de sua ligação com o esoterismo: óvnis, parapsicologia, fenômenos naturais inexplicáveis.

E, de fato, a *Planeta*, lançada em 1972, inspirou-se na *Planète* francesa. Contudo, esta última nasceu mais de dez anos antes, em outubro de 1961, e extinguiu-se em 1968, em um contexto geográfico, temporal e social bastante diverso. A presença, ali, de um conto de Guimarães Rosa, só se torna compreensível se considerarmos o que foi a revista *Planète* na França dos anos 1960 e o movimento cultural do “realismo fantástico” que ela congregou.

Tratava-se de uma revista diferente já por seu formato quadrado, com textos dispostos em duas colunas e repleta de ilustrações, fotos, desenhos ou pinturas, o que não era comum nas revistas “de biblioteca”, fossem elas de ciências humanas ou exatas. A capa de seu primeiro número (figura 1) representava uma estátua de consagração budista do século IX D.C., cuja escolha é assim explicada: “Nesse rosto admirável, a imemorial busca dos estados superiores de consciência.” (cf. GUTIEREZ: 1998, pp. 28-29)



**Figura 1**  
**Capa da revista Planète n. 1**  
**outubro/novembro 1961**

Expõe-se, assim, sua ligação com a retomada do misticismo oriental, que se oporá diretamente ao racionalismo e ao positivismo. A “revolução *Planète*”, contudo, só pode ser explicada se remontarmos ao livro que lhe deu origem, *Le matin des magiciens, introduction au réalisme fantastique* ou *O despertar dos mágicos, introdução ao realismo fantástico*, em sua tradução brasileira. Publicado no ano anterior, 1960, pelos futuros editores da *Planète*, Louis Pauwels e Jacques Bergier, o livro lançou o movimento cultural que eles denominaram de “realismo fantástico”,

noção que já aparece no subtítulo do livro e em torno da qual se concentraram tanto os colaboradores quanto os leitores da revista, que alcançou, em seu primeiro número, a vendagem de 80.000 exemplares.

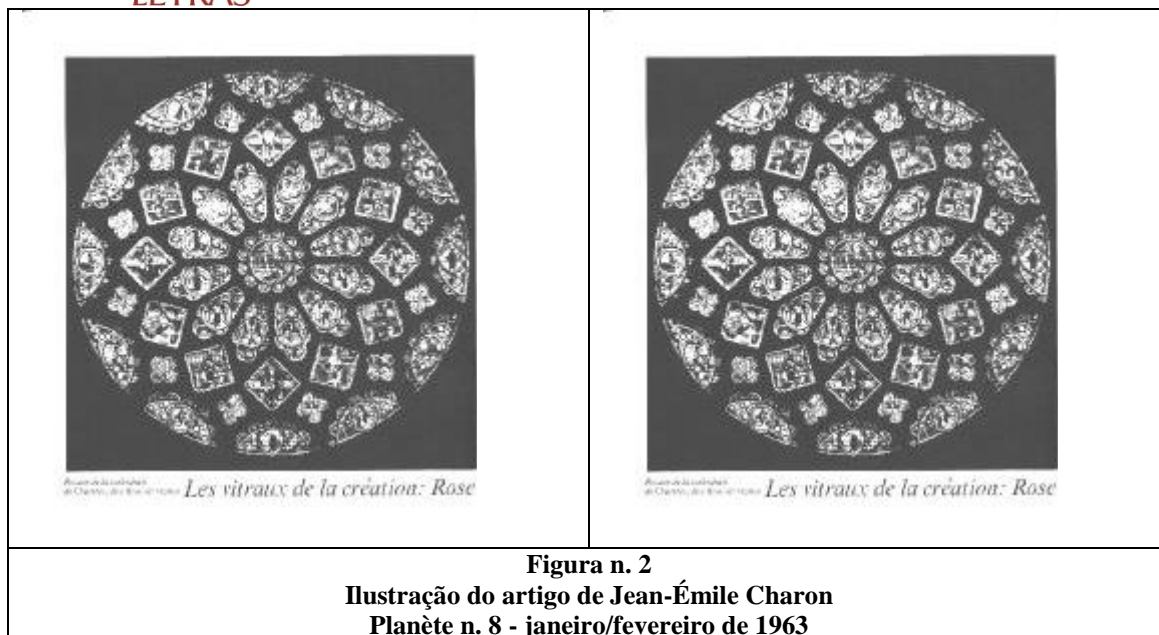
## 1. O REALISMO FANTÁSTICO

O realismo fantástico, na acepção particular que lhe confere *O despertar dos mágicos*, foi concebido por dois homens com formações bastante diferentes, Louis Pauwels e Jacques Bergier. Louis Pauwels era jornalista e havia participado da Sociedade Gurdjieff, místico armênio sobre quem escreve um livro *Monsieur Gurdjieff*. Jacques Bergier, por seu lado, era um renomado engenheiro químico. A ele devemos, por exemplo, o resfriamento eletrônico dos reatores nucleares. Tinha memória universal e fora espião contra os nazistas descobrindo, junto com o seu grupo da resistência francesa, a base dos mísseis alemães V2. O prefácio do livro explica a proposta dos autores, que pretendiam reunir ciência e misticismo:

Este livro resume cinco anos de pesquisa **em todos os setores do conhecimento**, nas **fronteiras entre ciência e tradição** [...]

Em cinco anos de estudos e de reflexões [...] parece-me que descobrimos **um ponto de vista novo e rico de possibilidades**. É o que faziam, à sua maneira, os surrealistas há trinta anos. Mas não é, como eles, do lado do sono e da infra-consciência que fomos procurar. Foi na outra extremidade, do lado da **ultra-consciência** e da **vigília superior**. Batizamos a escola em que nos metemos, realismo fantástico. (PAUWELS e BERGIER, 2007, p. 23-24, tradução e grifos meus)

De fato, os autores pretendiam lançar “um novo olhar” sobre “todos os setores do conhecimento”, fossem eles ligados às ciências físicas, químicas e biológicas, fossem eles ligados às ciências humanas, filosofia, sociologia, história e geografia, todas as artes, a literatura, a arquitetura. Isso significava pensar as ciências modernas em ligação com a tradição, fosse ela antiga, medieval, pertencente às civilizações orientais ou aos povos “primitivos”. A ilustração do artigo *Science et religion*, de Jean-Émile Charon, físico da Escola superior de física e química de Paris, publicado na *Planète* n.8, mostra bem a intenção do realismo fantástico. Nas duas imagens (figura 2), vemos a analogia surpreendente entre a rosácea da catedral de Notre Dame de Paris e a estrutura atômica de um cristal de platina, o que prova que por trás “do visível simples” existe “o invisível complicado” (PAUWELS e BERGIER, 2007, p. 24)



Ao contrário dos surrealistas, esse “novo olhar” não estava ligado à busca de um inconsciente, passível de ser revelado no sono, mas à procura de uma “supra-consciência”, como a que os grandes místicos alcançam com a meditação. O realismo fantástico demarca-se, contudo, por querer encontrar essa supra-consciência em todos os setores do conhecimento humano, não excluindo mas, muito pelo contrário, envolvendo as ciências exatas e humanas. Estas, porém, devem abandonar a perspectiva positivista de abordagem do real e buscar um ângulo de visão que lhes permita perceber e admitir que o mergulho no real é, simultaneamente, o mergulho no fantástico. Este último não está além da realidade, mas nela própria, quando vista de modo profundo. O prefácio é claro:

Define-se geralmente o fantástico como uma violação das leis naturais, como o surgimento do impossível. Para nós, não é absolutamente nada disso. O fantástico é uma manifestação das leis naturais, um efeito do contato com a realidade quando esta é percebida diretamente e não filtrada pelo véu do sono intelectual, pelos hábitos, os preconceitos, os conformismos. (PAUWELS e BERGIER, 2007, p. 24, tradução nossa)

Dessa maneira, as ciências modernas não podem ser de modo algum desprezadas, pois o real fantástico está nas fronteiras da ciência e da intuição espiritual:

O que importa, é ver em que medida o modo de proceder essencial do chamado pensamento tradicional assemelha-se ao movimento do pensamento contemporâneo. A física, a biologia, as matemáticas, em seus pontos extremos, entrecruzam-se, hoje, com certos dados do

esoterismo, integram certas visões do cosmos, das relações da energia e da matéria, que são visões ancestrais. As ciências de hoje, se as abordarmos sem conformismo científico, dialogam com os antigos magos, alquimistas, taumaturgos. Uma revolução se opera a nossos olhos, e trata-se de um novo casamento inesperado da razão, no ápice de suas conquistas, com a intuição espiritual. (PAUWELS e BERGIER, 2007, p. 19, tradução nossa)

O positivismo revela-se, assim, como o grande inimigo:

Quando saí de meu nicho de Iogue para dar uma olhada no mundo moderno que eu conhecia sem conhecer, percebi imediatamente seu maravilhoso. Meu estudo reacionário, que muitas vezes tinha sido feito de orgulho e ódio, havia sido útil no seguinte: impedira-me de aderir a este mundo pelo lado errado: o velho racionalismo do século XIX, o progressismo demagógico. (PAUWELS e BERGIER, 2007, p. 18, tradução nossa)

O realismo fantástico congregou o anticonformismo em todos os campos do conhecimento. Desse modo, a revista, criada na esteira do sucesso do *Despertar dos mágicos*, acabou catalisando todos os que ansiavam pela renovação, fosse nas ciências humanas e exatas fosse nas artes e na literatura.

Temos que pensar, para entender o sucesso do *Despertar dos mágicos* e em seguida, da revista *Planète*, que vendia uma média de 100.000 exemplares por mês, que estamos no momento do pós-guerra da França, momento de desencantamento total com a idéia de progresso da razão, que redundara nas duas grandes guerras. É, também, um momento de grande desenvolvimento da física – lançamento de foguetes, pesquisas na física nuclear, cuja invenção mais dramática foi a bomba atômica – da biologia, com a decifração do código genético, das telecomunicações. Pauwels e Bergier comentam:

Nesta guerra, todas as partes de comunicação entre todos os mundos se abriram. Uma formidável corrente de ar. Depois a bomba atômica projetou-nos na era atômica. Logo em seguida, os foguetes anunciavam-nos a era cósmica. Tudo se tornava possível. As barreiras da incredulidade, tão fortes no século XIX, acabavam de ser violentamente sacudidas pela guerra. Agora, desmoronavam-se por completo. [...]

Ao mesmo tempo, afluíam de todos os países testemunhos sobre aparições de discos voadores. O céu povoava-se de inteligências superiores. (PAUWELS e BERGIER, 1970, p. 336)

O realismo fantástico acabou se tornando um grande movimento cultural que reuniu em torno de si grandes nomes das ciências humanas e exatas, das artes, da

literatura que tinham em comum o fato de querer sair dos lugares-comuns, das vias conhecidas do pensar e criar. Para dar uma dimensão da amplitude que esse movimento de renovação do pensamento foi ganhando, seguem alguns dos nomes que dele participaram: J. B. S. Haldane, um dos expoentes da genética inglesa, que deixa a Inglaterra e vai para a Universidade de Bombaim; Jean-Émile Charon, pesquisador na Escola Superior de Física e Química de Paris; Denis Gabor, cientista húngaro que recebeu o prêmio Nobel de física pela invenção da holografia; Robert Oppenheimer, considerado como o pai da bomba atômica. Do lado das ciências humanas, destaca-se Josué de Castro, embaixador do Brasil na ONU e presidente da Associação mundial contra a fome; Loren Eiseley, chefe do departamento de Antropologia Universidade da Pensilvânia; Edgar Morin, sociólogo; Pierre Restany, crítico de arte francês, considerado um dos mais importantes do pós-guerra; Roger Caillois, que dirigiu a coleção “Croix du Sud” da editora Gallimard, dedicada à literatura sul-americana.

## 2. A LITERATURA DIFERENTE

Mas afinal o que fazia a literatura em geral e o conto de Guimarães Rosa em particular no interior desse movimento? Entre as seções da revista – crônica de nossa civilização, história invisível, aberturas da ciência, grandes contemporâneos, mundo futuro, civilizações desaparecidas, movimento dos conhecimentos, análise de obras notáveis, textos desconhecidos, arte fantástica de todos os tempos, mistério do mundo animal – havia uma que se chamava “literatura diferente”.

Por coincidência, o editorial da *Planète* n. 6, em que foi publicada *A terceira margem do rio*, aborda esse tema. Tem por título *Y a-t-il une bonne littérature?* [Existiria uma boa literatura?] Trata-se da resposta de Louis Pauwels a um crítico para o qual a literatura diferente publicada pela *Planète* era, simplesmente, “a literatura diferente da boa”. Ora, replica Pauwels, não se trata de menosprezar o que a escola consagrou como sendo a literatura clássica, mas de reabilitar autores e gêneros desprezados *a priori* pela cultura oficial e relegados “à segunda prateleira da estante”. Dentre essa literatura considerada de segunda categoria, destaca-se aquela que se alia à ciência ou que, de algum modo, trata de fenômenos inexplicáveis: a ficção científica, os contos de horror, todas as histórias que encontram o fantástico no interior do próprio real.

Já em seu primeiro número, encontramos um dos autores mais venerados pela *Planète*, Howard Lovecraft (1890-1937), com suas estórias de terror cósmico, alienígenas, forças estranhas que nos controlam. Edgar Allan Poe, considerado por Lovecraft como seu mestre, também tem um de seus contos, *O diabo no campanário*, publicado na *Planète*. Nesse gênero, verificamos igualmente a presença de Villiers de l'Isle-Adam.

No número dois, está nada menos que Jorge Luis Borges, com *A escrita de Deus*. Borges já tivera seu livro *Fictions* lançado na coleção “Croix du Sud”, que era dirigida por Roger Caillois, um dos colaboradores da *Planète*. Mas foi a sua divulgação na revista que o tornou conhecido do grande público francês - lembremos que ela tinha tiragens enormes para a época, 80.000 exemplares em média. Borges foi, com Lovecraft, um dos autores mais presentes em suas páginas. Também Miguel Angel Asturias (n. 40) e Julio Cortazar (n. 21) estamparam seus nomes na *Planète*.

No número 3, já nos deparamos com a ficção científica com Arthur C. Clarke, conhecido por *2001, uma odisséia no espaço*, que deu origem ao filme de Stanley Kubrick lançado em 1968. Clarke era também um cientista de renome, responsável pela criação dos satélites artificiais. Nesse campo, não podemos esquecer Isaac Asimov, que colaborou com contos e artigos de vulgarização científica para a *Planète*. Asimov era bioquímico de formação.

Cito alguns outros nomes, um pouco aleatoriamente, apenas para traçar um panorama da literatura divulgada pela *Planète*: Ambroce Bierce (1842-1913), conhecido por seu humor negro, Ray Bradbury, escritor americano (1920-2012) das *Crônicas marcianas*. Muitas de suas estórias foram adaptadas para a série de televisão “Hithcock apresenta”. Fredric Brow, outro escritor americano de ficção científica; seus *Tales from the darkside*, Contos da escuridão, foram adaptados para a televisão em 1983.

Em uma palavra, todos os autores, recentes ou não, que não se enquadravam nas “hierarquias míticas” socialmente estabelecidas e que, de algum modo, desvelavam o fantástico no real eram bem-vindos na *Planète*. A revista se tornou, assim, um novo veículo para a divulgação da literatura latino-americana. Ecoava a tendência de algumas editoras que haviam começado, já nos anos 1950, a publicar essa “literatura diferente” na França. Essa tendência se intensificou nos anos 1960. A editora Seuil, dirigida por Paul Flamand, lançará em 1961, com o título *Buriti*, a primeira parte de *Corpo de baile*, de Guimarães Rosa, e *Cem anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Marques, em 1968. Roger Caillois, por seu lado, dirige na Gallimard a coleção “La Croix du Sud”,

especializada na literatura sul-americana; é ele que traduz e publica as novelas de Borges, que vai considerá-lo como seu inventor, pela projeção que, graças a Caillois, seus livros alcançaram. A “Croix du Sud” acolhe também Neruda e Miguel Angel Asturias, entre outros. Pierre Seghers publica igualmente escritores da América Latina. Em *Les vingt meilleures nouvelles de l’Amérique latine*, de 1958, aparece o primeiro conto de Rosa publicado na França, *L’heure et la chance de Augusto Matraga*, além de histórias de Mario de Andrade, Jorge Luis Borges, Eduardo Mallea, Jorge Icaza, Horacio Quiroga, Juan Rulfo, Augusto Roa Bastos, para só citar alguns. Também a Albin Michel investe nessa “literatura diferente”, lançando *Diadorim* (Grande sertão: veredas) em 1965. É no bojo desse grande movimento editorial e cultural que a *Terceira margem do rio* foi publicada na *Planète*, que com seus quase 100.000 exemplares vendidos a cada número, oferecia, aos novos escritores, a possibilidade de serem lidos por um público mais amplo.

### 3. A TERCEIRA MARGEM DO RIO NA PLANÈTE

A idéia de inserir *A terceira margem do rio* na *Planète* partiu de uma oficial de administração da Embaixada do Brasil em Paris e amiga de Guimarães Rosa, Maria José Frias, que lhe escreve em 19 de outubro de 1961 pedindo-lhe autorização para propô-la àquele periódico e explicando-lhe: “É uma revista inteligente, com colaboração interessante, e teu nome gravado naquelas páginas seria bom. No meu miolo considero que aquele conto coincidiria com as planetices dos editores. Manda os consentimentos necessários, e vou ver o herói que já traduziu livro teu aqui para a versão francesa.” (Carta de Maria Frias a João Guimarães Rosa, 19/10/1961 – Fundo João Guimarães Rosa, IEB, USP).

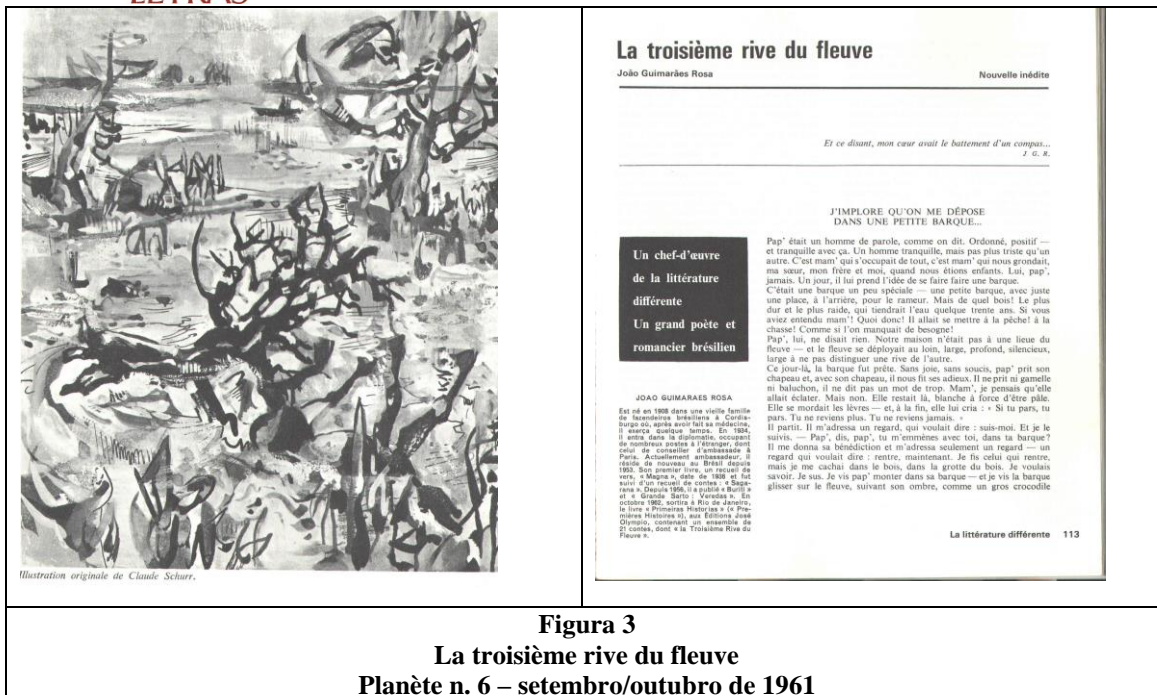
Como indicamos, nesse ano, 1961, fora lançado na França, o primeiro livro de Guimarães Rosa publicado em um país estrangeiro, *Buriti*, com três novelas de *Corpo de baile*, “Dao Lalalao”, “Le message du Morne” e “La fête à Manuelzão”. O volume tivera excelente acolhida da crítica, surpreendida com aquela escrita e aquelas histórias tão diferentes. O “herói” que o traduzira fora Jean-Jacques Villard, que verte, a pedido de Maria Frias, *A terceira margem do rio* para o francês. Mas ela não aprecia o resultado do trabalho e decide fazer, ela própria, uma tradução “ao pé da letra” do conto que é, em seguida, retrabalhado pelo escritor Maurice Pons. (cf. Carta de Maria Frias a João Guimarães Rosa, 08/05/1962 – FJGR, IEB, USP).



O resultado final deste trabalho, uma versão bastante reduzida do conto, chega às mãos de Louis Pauwels e o encanta. Agradecendo a indicação de Maria Frias, ele lhe escreve: “É de fato uma obra-prima. Vou publicá-lo o mais rapidamente possível” (Carta de Louis Pauwels a Maria Frias, 07/05/1962 – FJGR, IEB, USP). Efetivamente, o conto já pôde ser lido em setembro, na *Planète* n. 6. Ao receber um exemplar da revista, Guimarães Rosa entusiasma-se: “Tradução linda, naturalmente. Comovo-me, às pampas. Circulo-me, estufo, estouro-não-estouro. Você é: a Maria Milagreira, milagrosa. Do Rosa.” (Carta de João Guimarães Rosa a Maria Frias, 23/11/1962 – FJGR, IEB, USP).

*La troisième rive du fleuve* é acompanhada por uma ilustração de Claude Schürr (1921-2014), pintor pós-cubista francês conhecido por suas paisagens apresentadas em cores vivas e contrastadas. A pintura, feita especialmente para o conto, é reproduzida pela revista em preto e branco. Nela podemos distinguir, ao fundo, quase confundida com os elementos da paisagem, a canoa que “certo dia, nosso pai mandou fazer para si”.

Na página espelhada, indica-se, abaixo do título, que se trata de uma novela inédita. E, de fato, leitores franceses e brasileiros conhecem quase que simultaneamente *A terceira margem do rio*, pois *Primeiras estórias* é lançado também em 1962 pela editora José Olympio. Em epígrafe, uma frase do próprio conto – *et ce disant, mon coeur avait le battement d'un compas...* [E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo] - o que não deixa de ressoar, de certo modo, *O coração delator*, de Edgar Allan Poe. E, como uma espécie de subtítulo, em caixa alta, uma das frases finais da estória, “j’implore qu’on me dépose dans une petite barque...” [(...) peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada (...)] Em destaque, à esquerda da página, lemos: “Uma obra-prima da literatura diferente. Um grande poeta e romancista brasileiro” e, abaixo, uma pequena nota sobre o escritor, apresentando brevemente sua vida, suas obras publicadas e anunciando o lançamento de *Primeiras estórias*. (cf. figura 3)



**Figura 3**  
**La troisième rive du fleuve**  
**Planète n. 6 – setembro/outubro de 1961**

O conto, mesmo nessa versão sintética, impressiona, e corresponde exatamente ao conceito de um fantástico que brota do próprio real. Um trecho da estória é significativo dessa identidade:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarecer de todo a gente. **Aquilo que não havia, acontecia.** Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho. (ROSA, 2001, p. 80)

Não há nada que escape ao possível na realidade, mas a atitude do pai, o mistério de sua decisão e toda a simbologia ligada à água e, assim, ao rio, faz com que nos remetamos a outro plano.

A relação de Guimarães Rosa com o misticismo, que o próprio autor não se cansa de afirmar, teria que ser objeto, porém, de outra análise, pois está ligada ao seu modo de escrita peculiar, ao uso singular que faz da linguagem. O que pretendi mostrar, neste texto, não são as semelhanças – e diferenças – da escrita de Rosa com o realismo fantástico (o que implicaria discutir as várias acepções desse conceito) nem as peripécias da tradução, mas o fato de a publicação de Guimarães Rosa na *Planète* corresponder a um momento de transformação das idéias na França, em que escritores,

cientistas, sociólogos, filósofos, cansados das ideias convencionais, buscavam novas ideias em mundos diferentes. Assim, Borges, que foi um dos principais escritores divulgados na *Planète*, Guimarães Rosa, Cortázar, Astúrias puderam ser publicados na revista e o movimento do realismo fantástico de Louis Pauwels e Jacques Bergier acabou compondo um momento importante da recepção dos escritores latino-americanos na França dos anos 1960.

#### REFERENCIAS:

- FRIAS, M. J. *Carta a João Guimarães Rosa*. 19/10/1961. Fundo João Guimarães Rosa. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, USP.
- GUTIEREZ. G. *Le discours du réalisme fantastique : la revue Planète*. 1997-1998. Maîtrise de Lettres Modernes Spécialisées – Université Sorbonne – Paris IV. Disponível em <http://greguti.free.fr/litt/gutierrez-planete.PDF>. Acesso em 02 de abril de 2019.
- PAUWELS, L. « Y a-t-il une bonne littérature ? ». *Planète*, setembro-outubro 1962, pp. 5-7.
- PAUWELS, L. BERGIER, J. RICHAUDEAU (Eds.) (1961). *Planète, la première revue de bibliothèque*, n. 6.
- PAUWELS, L. BERGIER, J. RICHAUDEAU (Eds.) (1962). *Planète, la première revue de bibliothèque*, n. 8.
- PAUWELS, L., BERGIER, J. *Le matin des magiciens, introduction au réalisme fantastique*. Paris: Gallimard, 2007.
- PAUWELS, L., BERGIER, J. *O despertar dos mágicos*. Tradução de Gina de Freitas. São Paulo: Difel, 1970.
- ROSA, J. G. *Carta a Maria José Frias*. 23/11/1962. Fundo João Guimarães Rosa. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, USP.
- ROSA, João Guimarães. *La troisième rive du fleuve*. Tradução de Maria Frias e Maurice Pons. *Planète*, setembro-outubro 1962, pp. 112-115.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Data de recebimento: 04/04/2019

Data de aprovação: 04/04/2019